

Mulheres negras em movimento: um *Score* panorama das últimas três décadas

Atualmente conta-se com diversos tipos de abordagens e correntes de análise que objetivam delinear a história do movimento de mulheres negras no Brasil, algumas delas de modo abrangente, outras com atenções mais específicas. Muitas organizações, ativistas e acadêmicas têm procurado sistematizar suas experiências sociopolíticas com a intenção de recuperar e registrar – pelo viés étnico – uma memória construída ao longo das últimas décadas. São em geral relatos de episódios e fatos vividos que norteiam e compõem esse valioso cenário ainda a ser descoberto em sua amplitude.

Os caminhos e pontes utilizadas para empreender este resgate passam necessariamente por algumas personagens, episódios e contextos que são considerados ícones e marcos fundamentais para a configuração do movimento de mulheres negras brasileiras. As narrativas pessoais e a observação das contingências sociais e políticas que impulsionaram a formação de organizações autônomas em todo o país, são imprescindíveis para o entendimento dessa história.

O fim dos anos 1970 e início dos 1980 foi um momento decisivo para o ressurgimento de vários movimentos sociais, em especial para o movimento negro. Embora tenha absorvido as expectativas de reordenação social do país no período de redemocratização, assim como herdado as aspirações de superação de episódios históricos e de conscientização étnica, o movimento de mulheres negras já vinha se esboçando distintamente em épocas anteriores. A reflexão focada conjuntamente sobre as questões relacionadas ao gênero e a raça, representou um dos principais alicerces sobre o qual as organizações e suas agentes se estruturam. Os parâmetros advindos destas confluências temáticas estimularam o desenvolvimento de estratégias próprias de intervenção, que de maneira geral, estiveram enraizadas no terreno das críticas a uma ideia de gênero pretensamente universal.

Por um lado, havia o movimento feminista que, à época – basicamente centrado no enfoque de um gênero branco e ocidental - se mostrava ainda inábil para a superação das assimetrias que atingiam as mulheres, em especial as afro-descendentes. Por outro lado, o movimento negro construído, de modo contundente, discursos e ações voltadas prioritariamente para a inclusão das questões raciais nas políticas públicas. Com isso, as especificidades relativas ao gênero, foram compreendidas como um desafio a mais e além das suas reivindicações daquele momento.

Nesse período surge publicamente Lélia González, co-fundadora do Movimento Negro Unificado – MNU e uma das principais responsáveis pela formação do movimento de mulheres negras no Brasil. Por sua elevada produção intelectual e

Excluído: , estava etnocentricamente centrado nas questões de gênero e

Formatado: Fonte: 12 pt

Excluído: próprias

Excluído: Nesse sentido

Formatado: Fonte: 12 pt

Formatado: Fonte: 12 pt

Excluído: daquele

Formatado: Fonte: 12 pt

Excluído: o

Formatado: Fonte: 12 pt

Excluído: importantes

Excluído: !

Formatado: Fonte: 12 pt

Formatado: Fonte: 12 pt

Realce

Formatado: Fonte: 12 pt

[11] ...[11] especial as afro-descend

Excluído: Uma série multiforme de abordagens e conteúdos de análise tem como proposta de delimitar a história do movimento de mulheres negras no Brasil, algumas delas de modo abrangente, outras com intencões mais específicas. Diversas organizações, ativistas e acadêmicas têm buscado sistematizar suas experiências políticas recuperando – pelo viés racial – uma memória construída ao longo das últimas décadas. São em geral relatos de vida que ao mesmo tempo atravessam e compõem essa paisagem ainda a ser descoberta. O caminho natural para o resgate e o entendimento dessa história deve ter como ponto de partida a própria configuração do movimento de mulheres negras brasileiras, em especial através do estudo de seus percursos e das contingências sociopolíticas que favoreceram a formação de organizações autônomas em todo o país. O fim dos anos 1970 e início dos 1980 foi um momento importante para o ressurgimento de vários movimentos sociais, com destaque para o movimento negro. Embora tenha herdado as aspirações de emancipação de episódios históricos e da reordenação social do país num contexto de redemocratização, o movimento de mulheres negras já vinha se engendrando em épocas anteriores a partir da interação entre os temas do gênero e da raça. O alicerce e sobre o qual as organizações e suas agências se estruturam – bem como suas estratégias de intervenção – ficou-se no terreno das críticas a uma ideologia de gênero pretensamente universal. Por um lado, o movimento feminista – basicamente centrado no enfoque exclusivo de um gênero branco e ocidental – mostrava-se à época deficiente para a transposição das assimetrias que atingem as mulheres, em especial as afro-descend

Formatado: Fonte: 12 pt

seu incansável militância, tornou-se referência obrigatória destes primeiros tempos de debate. Outra grande protagonista deste momento inaugural foi a sergipana Maria Beatriz Nascimento, Mestre em história, com especialização em estudos sobre quilombos, foi uma das fundadoras do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra – IPGN, no Rio de Janeiro. Ambas deixaram como legado o entendimento imprescindível da necessidade de se ancorar as ações na "feminização" das questões raciais e na "racialização" do ideário feminista.

Os movimentos negro e feminista enfatizavam a ideia de "diferentes, mas não desiguais" e lutavam por liberdade e igualdade para alcançar a tão almejada cidadania. Porém não conseguiam lidar com a diversidade em seu interior. Assim, tanto o desafio de inserir a ótica feminista nas discussões do movimento negro, quanto a luta pela afirmação das questões raciais no âmbito do feminismo, apontavam para a necessidade de reconhecimento das nuances que constituem a diversidade das mulheres negras: tons de pele, sexualidade, pertencimento geográfico, práticas culturais, níveis de instrução, dentre outras tantas variáveis. Foi nessa busca de legitimação de suas particularidades que as múltiplas vivências das mulheres negras revelaram a complexidade que as constitui, transformando as diferenças numa plataforma de ações e reivindicações contínuas.

A partir daí, as manifestações das ativistas negras nos encontros feministas se intensificaram, sobretudo, na busca da incorporação do racismo como variável das desigualdades, inclusive entre mulheres. Nas últimas décadas, as afro-brasileiras foram sensibilizando as consciências e, com isso, além de conquistarem diferencialmente os legítimos lugares no movimento feminista nacional e internacional, construíram os seus próprios espaços sócio-políticos.

Mulheres negras em cena

A "dupla militância" nas fronteiras do racismo e do sexismo exigiu redimensionamentos nas práticas dos movimentos negro e feminista e, consequentemente, a implementação de políticas específicas e eficazes de inclusão. Entretanto, o processo para a sedimentação desses avanços foi permeado por críticas internas e externas que acusavam as militantes negras de apenas "olharem para o próprio umbigo". Diante desse entendimento equivocado, com maturidade e grande maestria, as afro-brasileiras foram revertendo esta avaliação. Focalizaram intencionalmente as suas trajetórias e as de suas ancestrais, chegando à conclusão de que "olhar o próprio umbigo" era um caminho essencial para trazer à tona suas especificidades de corpo, trabalho, afetividade, família e mais: que especialmente assim poderiam de fato contribuir para transformar a sociedade e extrair de uma vez por todas a discriminação racial.

Comprometidos com esses novos cenários, vários grupos de mulheres negras foram se constituindo.

Vou colocar o resumo de sua essência...

positivo



Remunee – Reunião de Mulheres Negras Aquatune – RJ
 O grupo nasceu da necessidade de refletir sobre o feminino negro. Reunia-se nas dependências do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra (IPCN). Entre as militantes se destacaram Azoldia Trindade, Cristina Daniel Cruz, Edlia Silva das Virgens, Estela da Costa Monteiro, Irani Maia Pereira, Lea Garcia, Jurema Gomes da Silva, Oir Nascimento de Oliveira, Pedrina de Deus, Shirlei da Silva, Suzete Paiva, entre outras.

1980

Luiza Mahin – RJ
 O grupo era o braço feminino do Movimento Negro Unificado (MNU). Foi idealizado por Lélia Gonzales e Zezé Motta.
Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (GMN) – RJ
 Grupo formado por Abighail Páscoa, Adélia Azevedo, Josefina da Silva, Mary Isabel, entre outras.

1982

Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo – SP
 Grupo foi formado por 20 mulheres, entre elas Thereza Santos, Vera Lúcia Saraiva, Sonia de Oliveira, Sueli Carneiro, Edna Roland, Nazaré Monteiro e Deise Benedito.

1983

Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras – RJ
 Grupo formado por Lélia Gonzalez, Jurema Batista, Geralda Alcântara, Helena Maria de Souza, Rosalia Lemos, Elizabeth Viana, Jurema Gomes, Regina Coeli, Pedrina de Deus, entre outras.

1985

Centro de Mulheres de Favela e Periferia do Rio de Janeiro – RJ
 Grupo formado por Joana Angélica de Souza, Vera Néri, Benedita da Silva, Sandra Bello, Heloisa Marcondes, Alda Cota, entre outras.

Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista – Santos – SP
 Grupo idealizado por Alzira Rufino, Nilza Iraci e Maria Rosa Pereira. Posteriormente foi transformado na Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos.

Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa – MA
 Grupo integrado por Paula Renata Baltazar, Ana Sílvia Cantanhede, Maria Lúcia Dutra, Luzia Augusta Martins, Sílvia Cristina Leite, Maria Rosa Viegas, Conceição de Maria Cantanhede, entre outras.

Coletivo de Mulheres Negras – MG
 Grupo fundado por Benilda Regina Paiva de Brito, Cleide Hilda dos Santos, Aparecida dos Reis Maria, Carmen Jane, Maria Piedade, Isabel Cupertino, Rita Cupertino, Maurília Queiroz, entre outras. Em 1993 passou a se chamar Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte.

1987

Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras – RS
 Grupo fundado por Maria Conceição Lopes Fontoura, Claudia Cardoso, Lucia Regina Brito Pereira, Saionara Santos, Sandra Silveira, Vera Lúcia Lopes, entre outras.

1988

Geledés – Instituto da Mulher Negra – SP
 Grupo fundado por Edna Roland, Maria Lucia Silva, Nilza Iraci, Sonia Maria Pereira, Solimar Carneiro, Sueli Carneiro, Vanderli Salatiel, entre outras.

Grupo de Mulheres do Alto das Fombas de Salvador – BA
 Grupo idealizado por Zildete dos Santos Pereira.

1989

Comissão de Mulheres Negras de Campinas – SP
 Grupo fundado por Cleusa Aparecida da Silva, Nicéa Quintino Amaro, Maria de Fátima Silva, entre outras. Em 1992 passou a

se chamar Casa Laudelina Campos de Mello – Organização de Mulheres Negras.

1990

Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos – SP

Organização fundada por Alzira Rufino, Alaide Matilde Ferreira, Maria Rosa Pereira, Valmira Branco, entre outras.

Coletivo de Mulheres Negras de Salvador – BA

Grupo fundado por Kátia Mello e Silva, Jussara Santana, Patrícia Teles, Cássia Magalhães, Cida Santos, entre outras.

Coletivo de Mulheres Negras do Distrito Federal – DF

Grupo fundado por Cristina Guimarães, Cecília Lull, Geny da Silva Cravo, Rosana Gonçalves, Maria Joana Alves, Aldinéia Oliveira, Conrada, entre outras.

1991

Bloco Afro Orishê – SP

Grupo fundado por Kika, Penha, Bete Belo, entre outras. Em 2003, o Orishê inaugurou o Espaço Liliás, na cidade Tiradentes, São Paulo.

1992

Grupo Oduduwa – RS

Grupo formado por Nelma Oliveira Soares, Maria do Carmo, Sueli Farias, Maria Jurema, Maria Luiza, Tia Rosa, Mãe Marlene, entre outras.

Grupo Criola – RJ

Grupo fundado por Lúcia Xavier, Jurema Werneck, Geni de Oliveira Matos, Maria Josina da Cunha, Neuza das Doreis Pereira, entre outras.

1994

Centro de Documentação Coisa de Mulher (Cedocom) – RJ

Grupo fundado por: Beth Calvet, Carmen Luz, Neuza das Doreis Pereira, Paula Wandelsen, Vanda Ferreira, Rosângela de Oliveira, entre outras.

Instituto de Mulheres Negras do Amapá (Imena) – AP
 Grupo fundado por Maria das Dores do Rosário Almeida, Regina Miranda, Alzira Nogueira, entre outras.
Grupo de Mulheres Negras Malunga – GO
 Grupo fundado por Maria do Carmo Avelina Brito, Marlene Aparecida Gonçalves, Sonia Cleide Ferreira da Silva, Geralda

1999

Fala Preta! Organização de Mulheres Negras – SP
 Grupo fundado por Edna Roland, Deise Benedito, Gláucia Matos, Maria Dirce Gomes Pinho, entre outras.

1997

Associação de Mulheres Negras Oborin Dudu – ES
 Grupo fundado por Nelma Gomes Monteiro, Edileuza de Souza, Ilma Viana, Ana Lucia Rocha da Conceição, Benedita Nascimento, Maria Lígia Rosa, entre outras.

Coletivo de Mulheres Negras – MS
 Grupo fundado por Raimunda Luzia de Brito, Lucimar Rosa Dias, Ana José Alves Lopes, Márcia Catarina, Maria Helena Bicudo, entre outras.

1995

Associação Cultural de Mulheres Negras (Acmun) – RS
 Grupo fundado por Nelma Oliveira Soares, Claudete dos Santos da Silva, Maria Aparecida Souza Ramos, Lair Teresa Vidal da Silva, Ana Rosa de Freitas Marques, Angela Maria P. Correia, entre outras. Desde 1977 Elaine Oliveira Soares assumiu a direção do grupo.

Grupo fundado por Rosália Lemos, Neuza dos Santos, Arinilita Caetano, Mara Monteiro, entre outras.
E'lêkô Gênero Desenvolvimento e Cidadania – RJ

Coletivo de Mulheres Negras Esperança Garcia – PI
 Grupo fundado por Leide Cardoso Neves, Valcirana Vieira de Maia e Tatiana Karla Cardoso Neves, entre outras.

Pereira da Silva, Pureza Lopes de Matos, Erondina Ferreira da Silva, entre outras.

2001

Bamidelê – Organização de Mulheres Negras – PB

Grupo fundado por Euphrasia Joseph Nyaki, Solange Pereira da Rocha, Ivonildes da Silva Fonseca, Maria José dos Santos, entre outras, sendo Verônica Lourenço uma de suas atuais coordenadoras.

2002

Grupo de Mulheres Negras Dandara do Cerrado – GO

O grupo surgiu em 1991 e estruturou-se como ONG dez anos depois.

2003

Instituto Negras do Ceará – CE

Grupo fundado por Alzira Nogueira, Edite Silva, entre outras.

Uiala Mukaji – Sociedade de Mulheres Negras – PE

Grupo fundado por Vera Baroni, Itanaci de Oliveira, Jádion Santos, Delma Silva, Anilda Nascimento, Iiza Neves, Sony, entre outras.

Grupo de Mulheres Negras Maria do Egito – OMIN – SE

Grupo fundado por Joseanes Lima, Márcia Vieira, Renata Lira, entre outras.

Minas de Cor – SP

Grupo composto basicamente por lésbicas negras da periferia da capital paulista. Foi fundado por Márcia Cabral, Patrícia, Lélia, Cilena, Dejanira, Simone e Samara, entre outras.

2004

Mulheres de Kêto – Sociedade Lésbica Feminista – SP

Grupo fundado por Claudia Rosa, Dora Simões, Kelli Paiva, Eline Gomes, entre outras.

2005

Grupo fundado por Nilma Bentes, Zélia Amador de Deus, entre outras. É importante registrar que estas ativistas foram também co-fundadoras, em 1980, do Centro de Defesa do Negro do Pará (Cedempa).

Instituto Kuanza – SP

Grupo fundado por Cidinha Silva, Rosane Borges, Silvia Lorenzo, Valéria Borges, entre outras.

Excluído: e

Essas e tantas outras entidades de mulheres negras brasileiras vêm desenvolvendo uma série de experiências inovadoras em diversas áreas e em todas as regiões do país. Lutam por ações afirmativas na sociedade, em parceria com outros grupos, a iniciativa privada e as universidades. Capacitam mulheres negras em diferentes campos, como novas tecnologias de comunicação, *advocacy* em mídia e em políticas públicas; promovem cursos preparatórios para o acesso à universidade; realizam intervenção nos currículos, preparam educadores e produzem recursos didático-pedagógicos alternativos; criam mecanismos de atendimento à saúde, psicossocial, jurídico e de direitos humanos. Essas ações exemplares mostram o potencial criativo e transformador de organizações que desenham outras fisnomias para o projeto de inclusão no país.

Esmiçando a história

A década de 1980 foi determinante e decisiva para a participação das negras em diferentes espaços políticos institucionais. Foi nesse período que surgiram os primeiros órgãos estaduais em defesa dos direitos das mulheres. Em 1983, foi criado o Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo (CECF/SP), cuja composição inicial não incluía representantes negras. Diante disso, a radialista Marta Arruda empreendeu uma denúncia que, associada à ação enérgica do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo, interferiu decisivamente, levando as militantes Thereza Santos (titular) e Vera Lúcia Saraiva (suplente) a assumir postos representativos no grupo.

A atuação de outras ativistas negras no corpo técnico desse Conselho incentivou o debate sobre a realidade das mulheres negras e contribuiu para que a luta contra a opressão de raça fosse incorporada

Em 1993, Zélia Amador de Deus, histórica militante e co-fundadora do Centro de Defesa do Negro do Pará (Cedempa), foi eleita vice-reitora da Universidade Federal do Pará. Posteriormente, em 2001, tomou

condenar a discriminação contra as mulheres negras. Com as portas abertas por São Paulo e pelo Rio de Janeiro, essas ações se propagaram nacionalmente, gerando o desenvolvimento de políticas na esfera federal. Em 1988, durante o Centenário da Abolição, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher criou, sob a coordenação de Sueli Carneiro, o Programa da Mulher Negra, que, entre outras atividades, realizou, em conjunto com a Comissão de Mulheres Negras do CECF/SP e a Comissão da Mulher Advogada da OAB/SP, o memorável Tribunal Winnie Mandela, que reuniu um grupo de jurados formado por personalidades da sociedade civil para julgar e

estado. Com uma larga experiência na área de educação e direitos humanos, Vanda Maria de Souza Ferreira aceitou o desafio de dirigir a Divisão de Educação e Cultura do Sistema Penal da Secretaria Estadual de Justiça do Rio de Janeiro, em 1987. Com o reconhecimento de sua atuação nesse trabalho, que ganhou repercussão internacional, Vanda passou a desempenhar inúmeras funções no poder Executivo de seu

Excluído:

Na mesma época, no Rio de Janeiro, uma incansável lutadora contra a discriminação racial despontava como referência para muitas mulheres negras brasileiras. A médica Edialda do Nascimento, uma das fundadoras do Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi convidada pelo então governo de Leonel Brizola, em 1983, a assumir a Secretaria de Estado da Promoção Social, função jamais ocupada, no Brasil, por uma afro-descendente. Muitas outras iniciativas e cargos de importância política contaram com a sagacidade e competência de Edialda ao longo das décadas seguintes, como o Centro de Memória Afro-Brasileira, atualmente presidido por ela.

ao conjunto de ações. Toda essa mobilização culminou na criação da Comissão da Mulher Negra, do CECF/SP, e na produção de publicações históricas e de referência para o avanço do movimento. Desde então, ficou assegurado o lugar da representação negra no Conselho, inclusive nas instâncias diretoras. A primeira afro-descendente a assumir a presidência foi a psicóloga e assistente social Maria Aparecida de Lala, que, em 1995, foi nomeada para duas gestões consecutivas.

possa na coordenação do Programa de Ações Afirmativas para Negras e Negros do Ministério de Desenvolvimento Agrário. A presença política das afro-descendentes consolidou-se e expandiu-se para importantes espaços de decisão. Em 1994, a ativista Dulce Maria Pereira tornou-se a primeira mulher negra a presidir a Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura encarregado de desenvolver ações voltadas para a valorização da cultura negra. Em 2001, passou a ocupar o cargo de secretária executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e recebeu do governo federal o título de embaixadora do Brasil.

Em 1998, Diva Moreira, integrante do movimento mineiro de mulheres negras e co-fundadora da Casa Dandara, assumiu em Belo Horizonte a primeira secretaria de governo no Brasil especificamente voltada para a população afro-descendente, a Secretaria Municipal para Assuntos da Comunidade Negra (Smacom). No mesmo ano foi criado o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro, na cidade do Rio de Janeiro. A presidência, por dois mandatos consecutivos, coube à professora Creuzely Ferreira da Silva.

Outras mulheres se destacaram em suas atividades na virada do milênio. Em 2001, a socióloga Luiza Barros assumiu a coordenação do Grupo Interagencial para a Questão Racial do sistema das Nações Unidas no Brasil (Pnud), cuja atribuição principal era incorporar a dimensão racial aos programas de cooperação internacional. No mesmo ano, a psicóloga Edna Roland, presidente da organização de mulheres negras "Fala Preta!", foi designada relatora geral da III Conferência Mundial contra o Racismo, na África do Sul. Posteriormente, se tornou também monitora da ONU para as questões ligadas à discriminação racial na América Latina e no Caribe, e assumiu na Unesco, em 2003, o cargo de coordenadora de combate ao racismo e à discriminação racial na América Latina e Caribe.

Com a ascensão de Benedita da Silva ao governo do Estado do Rio de Janeiro, em 2002, algumas mulheres negras passaram a ocupar importantes cargos na administração: Wânia Sant'Anna – historiadora, feminista e ativista do movimento negro – assumiu a Secretaria de Estado de Direitos Humanos e Sistema Penitenciário, ao lado da filósofa e historiadora Helena Theodoro, subsecretária de Direitos Individuais e Coletivos do órgão; Hildézia Medeiros, militante histórica, assumiu a Subsecretaria de Articulação Governamental, e Lúcia

Xavier, coordenadora do grupo Criola – Organização de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, foi nomeada subsecretária-adjunta de Defesa da Cidadania, expressivo braço da Secretaria de Estado de Segurança Pública.

Ainda em 2002, Ivete Sacramento, a primeira mulher negra a ser eleita reitora no país, foi com expressiva votação reconduzida para mais um mandato na Universidade do Estado da Bahia; e Petronilha Gonçalves, uma reconhecida batalhadora pelo acesso à educação e pela valorização da contribuição cultural do negro no Brasil, tornou-se a primeira afro-descendente a integrar o Conselho Nacional de Educação do MEC. Nesse mesmo ano, a economista Lucila Beato, do Geledes – Instituto da Mulher Negra foi convidada a fazer parte do grupo de Relatores Nacionais em Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais (DHESC), assumindo a difícil tarefa de receber denúncias de violação aos direitos do trabalho e de realizar investigações cautelares nos estados brasileiros.

Importantes degraus foram conquistados pelas mulheres negras em diferentes instâncias da sociedade civil: em maio de 2003, a médica maranhense Fátima Oliveira foi eleita secretária executiva da Rede Nacional Feminista de Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, tornando-se a primeira negra a ocupar esse posto. Fundada em agosto de 1991, esta conhecida rede é formada por 110 entidades, e ao longo dos anos transformou-se em um espaço permanente de articulação política, reflexão e troca de conhecimentos entre diversos grupos feministas, organizações não-governamentais, núcleos de pesquisas e entidades que priorizam a temática da saúde da mulher.

A criação de mecanismos voltados para o desenvolvimento de políticas para as mulheres fortaleceu a participação de lideranças estaduais – e lhes abriu frentes – como a de Vanda Maria Menezes Barbosa, que assumiu a Secretaria da Mulher de Alagoas, em 2002, tendo anteriormente sido uma das responsáveis pela fundação da Associação Cultural Zumbi, primeira entidade negra de seu estado. Ainda no mesmo ano a jornalista Mara Regina Aparecida Vidal tornou-se secretária da Mulher do Estado do Acre. O mesmo aconteceu nos Executivos municipais, em que muitas afro-descendentes conquistaram lugar de destaque como gestoras públicas: Rosália Lemos na presidência do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Niterói, Rio de Janeiro, atualmente na coordenadoria; Terezinha

Excluído:

Barros, superintendente de Políticas para a População Feminina do município de Lauro Ferraz, Bahia, entre outras.

Excluído: ()
Excluído: BA)

Em 2003, Sônia Maria Dias Mendes, conhecida como Sônia Terra, tomou posse na presidência da Fundação Cultural do Piauí. Antiga militante do movimento negro, essa piauiense teve seu trabalho reconhecido pela coragem em inovar e promover a democratização da cultura em seu estado, em especial com a realização de eventos como a Semana Estadual da Consciência Negra e a Semana do Índio. No mesmo ano, a histórica militante paulista Nilza Iraci tomou posse no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), representando a Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras; Deise Benedito passou a integrar o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial, em nome do Fórum Nacional de Mulheres Negras; e Arani Santana tornou-se gestora da Secretaria Municipal de Reparções de Salvador, primeira no gênero instalada no Brasil. No ano seguinte, a pedagoga e militante do Movimento Negro Maria Olívia Santana foi nomeada secretária municipal de Educação e Cultura de Salvador.

Especialmente nesses primeiros anos do século XXI, o Executivo federal tem contado com expressivas presenças de negras em sua administração. Maria Inês da Silva Barbosa, doutora em saúde pública pela Universidade de São Paulo, defensora contumaz de propostas que promovem a inclusão étnico-racial, assumiu em 2003 o cargo de secretária-adjunta e a chefia de gabinete da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Também ocupa função de destaque no mesmo organismo Denise Pacheco, militante do movimento negro mineiro, sindicalista e especialista na área de gestão hospitalar e administração pública.

O protagonismo desempenhado pelas mulheres rurais e quilombolas na árdua luta para preservação, titulação e desenvolvimento sustentável de suas comunidades se expressa na representatividade de Vanete Almeida, de Serra Talhada, Pernambuco, à frente da coordenadoria do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco e da Secretaria Executiva da Rede de Mulheres Rurais da América Latina e do Caribe. A extrativista Raimunda Gomes da Silva, ou dona Raimunda do Coco, como ficou conhecida internacionalmente, grande liderança na região do Tocantins, foi uma das fundadoras da Associação das Quebradeiras de Coco, em 1992.

Excluído: nessa primeira década

A Confederação Nacional das Trabalhadoras Domésticas também compõe esse mosaico do feminismo negro. Entre tantas ativistas históricas da organização, destaca-se a atual presidente, Creuza Maria Oliveira, baiana que começou a trabalhar aos dez anos de idade e como ninguém conhece a realidade de sua categoria; Lenira Carvalho, pernambucana que em 1963 participou da memorável passeata das trabalhadoras domésticas do Brasil; e a carioca Nair Jane de Castro Lima, uma das contempladas com o Prêmio Cidadã Bertha Lutz, conferido em 2001 pelo Senado Federal.

A assistente social paulista Matilde Ribeiro surge também como indiscutível liderança nesse panorama da contemporaneidade. Ex-doméstica, baba e operária, pautou sua trajetória nas lutas e mobilizações anti-racistas junto a organizações negras como Soweto, Ceert, dentre outras. Em 2003, foi nomeada ministra-chefe da primeira Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil.

Reunido Forças

Nas últimas décadas, as mulheres negras participaram e promoveram importantes eventos e atividades nacionais com o objetivo de desenvolver formas mais eficazes e criativas para a implementação de ações conjuntas. Sob a ótica racial, essas intervenções determinaram o surgimento de importantes pautas para o pensamento e a prática do movimento feminista brasileiro.

Os encontros feministas também constituíram espaços privilegiados de reflexão, intercâmbio e formulação de estratégias. Embora minoritária, a participação das mulheres negras foi se fortalecendo em suas reivindicações e descontinuações criticamente a secundarização de suas temáticas nessas reuniões ao longo dos tempos.

Alguns desses eventos nacionais e internacionais se transformaram em importantes referências para o avanço da democracia.

1975

Seminário da ABI – RJ

Tendo como tema “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, o encontro tornou-se um marco histórico para o feminismo no país. Realizado em comemoração ao Ano

Internacional da Mulher, criado pela ONU, contou com a participação de algumas lideranças femininas do movimento negro, entre as quais Maris Stella Fonseca de Oliveira.

1980

II Congresso da Mulher Paulista – SP

Nesse encontro a ativista Leni Andrade denunciou, na plenária, a ausência de representantes negras nas mesas de debate.

1983

I Encontro Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro – RJ

Estiveram à frente da organização desse evento Abigail Pascoa, Adélia Azevedo dos Santos, Joselina da Silva, Mary Isabel Pereira, entre outras.

1985

III Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe – Bertoga – SP

O evento internacional contou com 900 participantes de 23 países, dentre as quais 400 brasileiras representando a diversidade social, cultural e política do país. Apesar de ter sido reconhecido como um marco para o movimento feminista, por sua agenda e metodologia, teve também que enfrentar a difícil polémica em torno da permissão ou não da entrada de aproximadamente 40 mulheres, em sua maioria negras, que pleiteavam o ingresso sem pagamento de inscrição.

1986

I Encontro Estadual de Mulheres Negras de São Paulo – SP

Realizado na sede do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, entre suas organizadoras destacou-se Vilma Lucia de Oliveira.

I Congresso das Mulheres Trabalhadoras – SP

Realizado em São Paulo, com a participação de aproximadamente quatro mil mulheres. Maria Aparecida Bento Teixeira, em nome das negras presentes, apresentou uma tese sobre a tripla discriminação no mercado de trabalho, sendo suas reivindicações acatadas por unanimidade pelas congressistas.

IX Encontro Nacional Feminista – Garanhuns – PE

Com expressiva participação nesse evento, as mulheres negras assumiram entre si o compromisso de realizarem um encontro nacional próprio.

1ª Reunião Nacional Preparatória para organização do Encontro Nacional de Mulheres Negras – RJ

Contou com a presença de representantes de 17 estados brasileiros.

1988

I Encontro Nacional de Mulheres Negras – Valença – RJ

Precedido por seminários estaduais preparatórios, o evento contou com a participação de mais de 400 mulheres representantes de 17 estados brasileiros. Destacou-se na pauta a crítica às comemorações do Centenário da Abolição. Estiveram à frente da organização Helena Theodoro, Heloisa Marcondes, Hildesia Medeiros, Josefina da Silva, Maria Beatriz Nascimento, Neuza das Dorez Pereira, Rosalia Lemos, Sandra Bello, Wânia Sant'Anna, entre outras.

1990

Criação do Comitê Impulsor para a realização do Encontro Latino-Americano e do Caribe de Mulheres Negras – Argentina

Foi realizado durante o Encontro Feminista de São Bernardo, na Argentina, para o qual foram eleitas, pelo Brasil, Maria Lucia da Silva, Josefina da Silva, Inaldete Pereira de Mello e Neusa das Dorez Pereira.

1991

II Encontro Nacional de Mulheres Negras – Salvador – BA

Tendo como tema "Organização, estratégias e perspectivas do movimento", esse evento contou com a participação de 430 mulheres de 17 estados brasileiros. Destacaram-se como organizadoras Kátia de Mello e Silva, Iracilda Santos, Jussara Santana, Marlene Nascimento, dentre outras.

- Campanha Nacional contra a Esterilização de Mulheres Negras*
Essa mobilização foi desenvolvida nacionalmente com o objetivo de denunciar a esterilização massiva das negras, com proposta encaminhada pelo Programa de Mulheres do Centro de Populações Marginalizadas (Ceap). Entre as militantes que estiveram à frente da campanha encontravam-se Geni de Oliveira Mattos Silva, Josina Maria da Cunha, Jurema Werneck e Neuza das Doreis Pereira.
- 1992
- I Encontro Latino Americano e do Caribe de Mulheres Negras – República Dominicana*
O evento contou com a participação de 300 mulheres representando 32 países do continente. O encontro decidiu que 25 de julho seria a data de celebração do Dia Internacional da Mulher Afro-Caribenha e Afro-Latino-Americana.
- 1993
- I Seminário Nacional de Mulheres Negras – Atibaia – SP*
O encontro contou com a participação de 48 mulheres de nove estados brasileiros.
- Seminário Nacional de Políticas e Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras – Itapetcinga da Serra – SP*
O evento foi realizado pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra, com a intenção de estimular a participação das afro-brasileiras no processo e na definição do conteúdo da III Conferência Mundial de População e Desenvolvimento, promovida pela ONU (Cairo, 1994). O debate do encontro girou em torno da saúde da mulher negra e contou com um grande número de especialistas no tema em diferentes estados brasileiros, entre elas Alaerte Leandro Martins (PR), Berenice Kikuchi e Vera Cristina (SP), Fátima Oliveira (MG), Isabel Cruz e Jurema Werneck (RJ), Regina Goulart Nogueira (RS) e Vera Firmiano (SC).
- 1994
- II Seminário Nacional de Mulheres Negras – Salvador – BA*

O encontro contou com a participação de 67 mulheres de diversos estados e teve como tema "Respostas organizativas das mulheres negras no fim do século XX". A promoção do evento ficou a cargo da Articulação Norte e Nordeste de Mulheres Negras. Destacaram-se à frente da organização a baiana Valdecir Nascimento e as maranhenses Marinildes e Sílvia Cantanhede. *Painel Mulheres Negras Latinoamericanas e Caribenhas – Balanço e Perspectivas para o 3º Milênio – Mar Del Plata – Argentina*

O encontro foi organizado pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra e realizou-se durante o Fórum de ONGs preparatório para a IV Conferência Mundial da Mulher (Beijing, 1995)

1996

XII Encontro Nacional Feminista – Salvador – BA

Esse evento marcou a presença maciça das mulheres negras na comissão organizadora. Entre elas destacaram-se Carmem Lucia Sacramento, Joseanes Lima, Olivia Santana, Terezinha Barros, Ubiraci Martins, Valdecir Nascimento, Vanda Menezes e Wilma Reis.

1997

Reunião Nacional de Mulheres Negras – Belo Horizonte – MG

O evento foi realizado com a intenção de debater as diretrizes do próximo encontro nacional de mulheres negras. A organização ficou a cargo de uma comissão formada por Benilda Regina de Brito (MG), Edileuza P. de Souza (ES), Edna Roland (SP) e Regina Goulart Nogueira (RS).

I Jornada Cultural Lélia Gonzalez – São Luis – MA

Esse evento contou com a presença de Angela Davis, ex-líder do grupo Panteras Negras, dos EUA. Foi organizado pela Fundação Cultural Palmares, em parceria com o grupo Mãe Andresa.

2001

III Encontro Nacional de Mulheres Negras – Belo Horizonte – MG

○ evento contou com a presença de 400 mulheres de diversos estados brasileiros. Uma das importantes deliberações foi a proposta de criação do Fórum Nacional de Mulheres Negras.

III Conferência Mundial Contra o Racismo, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância – Durban – África do Sul

Precedido por inúmeras reuniões e debates nas diferentes regiões do Brasil, a conferência marcou a maturidade e a força do movimento de mulheres negras brasileiras no âmbito internacional.

2004

Seminário Nacional de Mulheres Negras – SP

○ evento contou com a participação de 150 mulheres, dentre elas 40 delegadas de 23 estados brasileiros. Entre as importantes deliberações do encontro estava a formação oficial do Fórum Nacional de Mulheres Negras.

2005

Marcha Zumbi + 10 – DF

Na luta contra o racismo e na reafirmação de direitos pela cidadania plena, as organizações de mulheres negras marcaram presença nas marchas que aconteceram na Semana Nacional da Consciência Negra, em Brasília.

Além desses eventos que marcaram de forma determinante a trajetória dos grupos de mulheres negras em todo o país, cumpre ainda registrar a expressiva presença das afro-brasileiras em conferências internacionais: Eco-92, no Rio de Janeiro (1992); Direitos Humanos, realizada em Viena (1993); População e Desenvolvimento, no Cairo (1994); e Mundial da Mulher em Beijing (1995). Também participaram ativamente das realizações do Fórum Social Mundial, desde sua primeira edição em Porto Alegre, em 2001.

Surgiram com o alvorecer do século XXI duas grandes redes nacionais voltadas para o fortalecimento de grupos e lideranças do movimento de mulheres negras. Com a missão institucional de promover o protagonismo das mulheres nos processos da Conferência de Durban, realizada na África do Sul, foi fundada em setembro de 2002 a

Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB). Após a Conferência, as organizações participantes decidiram por sua continuidade, com a missão institucional é a de promover a ação política das mulheres negras, construindo marcos referenciais na luta contra o racismo, o sexismo, a lesbofobia, a opressão de classe e todas as formas de preconceito e discriminação. A secretaria executiva ficou sob a responsabilidade do grupo Crioula, do Rio de Janeiro.

Em maio de 2004 nasceu o Fórum Nacional de Mulheres Negras, com o propósito de tornar-se um espaço de articulação, proposição e monitoramento das políticas governamentais. De composição bastante heterogênea, tem buscado, com sua intervenção, fortalecer e expandir os fóruns estaduais já existentes. A organização Fala Preta!, de São Paulo, foi indicada para assumir a coordenação executiva do Fórum.

O lugar de subalteridade historicamente reservado às mulheres negras é pouco a pouco demolido pela resistência e determinação com que essas mulheres assumem para si o papel de protagonistas e agentes políticos. A história do movimento das mulheres negras do Brasil ao longo destes últimos 30 anos confunde-se, ao fim e ao cabo, com a história da construção da democracia no país.

- Excluído: a coragem
- Excluído: marcante
- Excluído: como